



Héracles e a interlocução do Nume¹

Heracles and the Interlocution with the Numen

Jaa Torrano²

e-mail: jtorrano@usp.br

orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5445-3780>

DOI: <http://dx.doi.org/10.25187/codex.v6i1.18204>

Resumo: A trama da tragédia *Héracles* de Eurípides é composta de três partes: na primeira, a família de Héracles está sob ameaça de morte pelo tirano Lico e espera ansiosamente pelo retorno do herói de sua última missão; na segunda, Héracles retorna e mata o tirano; e na terceira Héracles – possuído por Fúria – mata sua própria família e quando recobra consciência de seu terrível feito, planeja cometer suicídio, mas é persuadido por Teseu a aceitar seu infortúnio e suportar a dor de viver sob o peso de sua falta. A crítica tradicional acusou de falta de unidade esta composição por justaposição. Neste trabalho, pretendemos mostrar que é possível ver a unidade desta tragédia no perfeito entrelaçamento da questão da justiça e do diálogo com o Nume. E, naturalmente, tentar responder que noção de justiça se mostra no desenvolvimento da trama, e como essa noção se entrelaça com a interlocução do Nume.

Palavras-chave: tragédia grega; Eurípides; *Héracles*; Nume; justiça

Abstract: The plot of *Heracles* tragedy by Euripides is composed of three parts: in the first one, Heracles' family is under threat of death by the tyrant Lykos and anxiously awaits the return of the hero from his latest mission; in the second part, Heracles returns and kills the tyrant; and in the third one, Heracles – possessed by Lyssa – kills his own family, and when he regains consciousness of his terrible deed, he plans to commit suicide, but he is persuaded by his friend Theseus to accept his misfortune and endure the pain of living under the weight of his fault. Traditional criticism has seen lack of unity in this composition by juxtaposition. In this paper, we intend to show it is possible to see the unity of this tragedy in the perfect interweaving of the question of justice and dialogue with Numen. And, naturally, try to answer what notion of justice is shown in the development of the plot, and how this notion intertwines with Numen's interlocution.

Keywords: Greek Tragedy; Euripides; *Heracles*; Numen; Justice

¹ A tradução da tragédia *Héracles*, que acompanha este estudo, encontra-se na seção “Traduções” e pode ser acessada diretamente pelo seguinte DOI: <http://dx.doi.org/10.25187/codex.v6i1.18205>

² Professor Titular de Língua e Literatura Grega da Universidade de São Paulo, Brasil.



Na tragédia *Héracles* de Eurípides, a questão da justiça se apresenta e se desenvolve entrelaçada com a interlocução com o Nume. Ao acompanharmos a emersão e os desdobramentos da questão da justiça nesta tragédia, e ao discernirmos onde e como se presente e se resente a intervenção do Nume no curso dos acontecimentos, poderemos observar e compreender como se dá a interlocução com o Nume. Quem é o Nume? Alertemo-nos de que não é uma pessoa nem uma entidade, mas a relação dinâmica entre o que se destina e o seu destino, situando-se, pois, na intersecção entre o transcendente e o imanente e aí mesmo nessa intersecção se deixaria perceber como a interface entre o mortal a caminho de seu destino e o Deus qualquer que seja que lhe preside o destino.

No prólogo, o velho Anfitrião de Argos, ufano de ter compartilhado leito com Zeus, rememora os antecedentes e situa a ação em Tebas. Banido de Argos por ter matado involuntariamente o seu sogro Eléctrion, Anfitrião fixou-se em Tebas, onde seu filho Héracles desposa a filha do rei Creonte, Mégara, mas deixando a esposa e os filhos em Tebas, Héracles retorna a Argos para negociar com o rei Euristeu o retorno do pai Anfitrião a Argos e aceita como preço desse retorno a tarefa de civilizar a terra. Enquanto Héracles está empenhado em seu último trabalho, o de trazer da casa de Hades o cão de três cabeças Cérbero, um usurpador, vindo de Eubeia e valendo-se de ter o mesmo nome que o outrora rei Lico, marido de Dirce, mata o rei Creonte, toma o poder e, para evitar retaliação, quer exterminar toda a família do rei morto, constituída pela filha Mégara, os três filhos dela com Héracles e o próprio Anfitrião.

Ameaçados, estes se asilam no altar de Zeus, onde se encontram privados de alimentos, conforto e auxílio de amigos.

Dá-se, então, o contraponto entre o pai e a esposa de Héracles. Anfitrião, confiante no retorno do herói e na salvação que este trará aos seus, propõe que, sem forças para agir, permaneçam no asilo do altar, ganhem tempo e mantenham as esperanças. Mégara prevê que eles vão morrer, ao constatar que não há rota de fuga, com todas as saídas vigiadas por guardas, nem há mais amigos em que confiar. Ante o retardamento dos males proposto por Anfitrião, ela pergunta se ele quer mais dor ou se ama tanto a vida, e queixa-se de que “doloroso o tempo intermédio morde” (*Hér.* 94). Anfitrião reitera sua confiança no retorno de Héracles, recomenda à sua nora serenidade e o furtivo reconforto das crianças, e faz um surpreendente elogio das esperanças, que, para os antigos, em geral, têm a dupla marca da privação e da possibilidade de decepção. Dada a diversidade dos destinos de cada um, ambos estão certos e suas atitudes diversas são adequadas ao que os espera a cada um.

No párodo, o coro de anciãos parece multiplicar a figura impotente e confiante de Anfitrião. Na estrofe, descrevendo-se como “velho cantor de nênias”, compara-se ao “cisne”, cuja cor grisalha remete à velhice e cujo canto, segundo o simbolismo tradicional, é o prenúncio de sua própria morte (cf. Platão, *Fédon*, 85a), e ressalta sua inaptidão para agir ao descrever-se como “só voz e vulto noturno / de noctívagos sonhos”, e saúda com afeição os filhos, o pai e a esposa de Héracles. Na antístrofe, para superar os limites impostos pela velhice, exorta-se ao mútuo auxílio e à solidariedade da antiga parceria. No epodo, volta-se com admiração aos filhos de Héracles.

No primeiro episódio, Lico, o recente tirano de Tebas, constrange Anfitrião e Mégara com a ameaça de morte iminente, desdenha a esperança do retorno de Héracles, e desdenha de

Héracles mesmo, cujo valor e coragem nega, com o argumento de que arco e flechas são armas de covardes. Por fim se diz não inclemente, mas precavido, pois já que matou o antigo rei Creonte e tem o trono, não pode permitir que os descendentes sobrevivam e executem a retaliação.

Ao replicar, Anfitrião primeiro anuncia que Zeus defenda a parte de Zeus de seu filho, depois evoca os Deuses e os gigantes e centauros adversários de Héracles como testemunhas de sua coragem; em seguida, declara o arco uma invenção de sábio, explica sua superioridade estratégica e vantagens táticas sobre a lança, e conclui que na luta o arqueiro é o mais eficiente em maltratar o inimigo e preservar-se. Voltando-se à atual situação, argumenta que somente a covardia de Lico o faz temer e matar as crianças, mas a situação seria reversa se Zeus tivesse espírito justo com eles; propõe a comutação da morte em exílio, e aconselha Lico a evitar a violência para não vir a sofrê-la quando o vento divino lhe virar a sorte. Por fim, repreende Tebas e a Grécia pela indiferença e ingratidão com o benfeitor Héracles, e lastima a decrepitude que não lhe deixou forças para defender os seus.

Lico, em represália, ordena que os servos recolham lenha, empilhem ao redor do altar, onde se asila a família de Héracles, e ateiem fogo para que se saiba que é seu o poder na região, e ameaça de maus-tratos também o coro por lamentarem a sorte dos Heraclidas.

Os versos 252-274, atribuídos a Anfitrião pelos manuscritos e ao corifeu pelos editores modernos, refletem a indignação e fúria ante a atitude abusiva de Lico, atestam a solicitude solidária própria da amizade, mas resolvem-se na constatação de que a decrepitude tolheu as forças necessárias a toda intervenção eficaz a favor dos amigos necessitados de amparo e defesa. E explicam a tirania de Lico pela sedição e más decisões que debilitaram o Estado de Tebas.

Mégara agradece a intervenção dos velhos, e conclama Anfítrião a ouvi-la. Com recursos a lugares-comuns e frases feitas e com apelo ao código de honra homérico, segundo o qual o riso do inimigo é o pior ultraje, Mégara argumenta que 1) a morte é terrível, mas é canhestro lutar contra o necessário, 2) devem evitar a morte pelo fogo, o que seria motivo de riso dos inimigos, 3) as glórias pregressas proíbem covardia, pois o vexame dos filhos enxovalha o pai nobre, 4) ninguém retornou de Hades, nem Héracles retornaria, 5) suplicar pelo exílio seria aceitar mísera penúria por salvação, 6) e, portanto, a única evasão possível dos males presentes seria o suicídio: “ousa conosco a morte, que te espera!” (*Hér.* 307); 7) no fecho, retoma o início: é imprudente resistir à sorte vinda dos Deuses, isto é: 1) é canhestro lutar contra o necessário.

A argumentação de Mégara remete o coro à consciência de sua decrepitude e à reiteração de sua incapacidade de intervir em favor dos amigos. Anfítrião, aparentemente tocado pelas palavras de Mégara, se defende: nem covardia nem anelo de vida o impede de morrer, mas o desejo de salvar os netos; parecendo isso impossível, pede, então, a Lico a graça de ele e a mãe morrer antes que as crianças, para não as ver agonizantes. Mégara, por sua vez, pede a Lico um acréscimo de graça à graça: permitir que ela retorne ao palácio para prover os filhos de adornos fúnebres.

Lico, numa demonstração de magnanimidade do poder, concede o pedido.

Ao se ver sem esperança de salvar seus netos, Anfítrião repreende Zeus de falsidade, de traição e de não saber preservar seus amigos, considerando-se, embora mortal, maior que o grande Deus “em valor” (*aretêi*, *Hér.* 342), e conclui que Zeus ou é um Deus ignorante, ou não é justo. Esta reprimenda a Zeus mostra o grau de desespero de Anfítrião, bem como a resignação de Mégara à morte iminente mostra sua sombria interlocução com o seu próprio destino. Um certo agnosticismo é parte integrante da piedade grega arcaica, pois o pensamento mítico supõe

que a condição do conhecimento seja a afinidade e certa identidade entre o sujeito e o objeto do conhecimento, de tal modo que as palavras dos mortais sobre os Deuses dizem mais dos mortais que dos Deuses, mas as atitudes dos mortais em cada circunstância de sua vida dizem muito, senão tudo, de seus pressentimentos e ressentimentos na interlocução com o Nume, isto é, com o Deus que preside e assiste a seu destino.

O primeiro estásimo celebra Héracles supostamente morto, e tanto refuta o ataque ao herói pelo tirano Lico (*Hér.* 145-164), quanto completa sua defesa por Anfitrião (*Hér.* 170-205). A celebração tenta sobrepor a glória das proezas às injunções da ausência; o oximoro do verso inicial (“lúgubre na boa sorte”, *aílinon mèn ep’ eutykheí*, *Hér.* 348) prenuncia essa tensão entre fausta glória e infausta ausência; nos quatro primeiros versos, o Deus Apolo, de quem a tradição também diz *Mousagétes* (“condutor de Musas”), se apresenta como o modelo divino do canto e da dança perfeitos, mas em tom de lástima.

São três pares de estrofe e antístrofe, sendo cada estrofe seguida por um mesodo e cada antístrofe por um epodo. Na primeira estrofe, elegendo-se o modelo do citaredo Febo (Apolo), propõe-se hinear a coroa de lutas do filho que se foi às trevas da terra e dos inferos, seja ele de Zeus ou de Anfitrião. Nessa coroa citam-se doze lutas: 1) no primeiro mesodo, a matança do leão de Nemeia, de cuja pele fez sua veste emblemática; 2) na primeira antístrofe, a vitória sobre os Centauros, de que são testemunhas o rio Peneu, o monte Pélion, planícies e vales da Tessália; 3) no primeiro epodo, a captura da corça, cuja galhada de ouro consagrou ao templo de Ártemis em Énoe, na Ática; 4) na segunda estrofe, a domaçaõ das éguas do rei trácio Diomedes, que comiam carne humana; 5) no segundo mesodo, a morte de Cicno (“Cisne”), filho de Ares, que assaltava os peregrinos de Apolo a caminho de Delfos, mas a referência ao rio Anauro situa a ação na Tessália; 6) na segunda antístrofe, colheita de maçãs de ouro no jardim das Hespérides,

filhas da Noite, além do rio Oceano, no extremo oeste; 7) na mesma antístrofe (na mesma viagem?), acalmou as águas para os mortais, o que em geral se entende como expurgar a pirataria dos mares; 8) no segundo epodo, susteve o céu em substituição de Atlas, cujas colunas se identificaram com Gibraltar, no então extremo ocidente, perto do jardim das Hespérides; 9) na terceira estrofe, a vitória sobre as Amazonas, cuja rainha despojou do cinto, que consagrou ao santuário de Hera em Micenas; 10) no terceiro mesodo, a morte da hidra de Lerna, cujas cabeças cortadas queimava, senão renasciam; 11) no mesmo mesodo, a morte de Gérion, dito pastor de Eriteia (“País Rubro”, i. e. “do sol poente”, situado no extremo oeste); 12) na terceira antístrofe, a última proeza é o descenso aos íferos, onde se crê encerrado o herói, o que remete à casa erma, sem amigos, sob ameaça e na expectativa ansiosa pelo retorno do herói salvador. No terceiro epodo, o coro mais uma vez lamenta a força e o vigor perdidos e a incapacidade de proteger a família ameaçada. Ao concluir o estásimo, o coro anuncia a comovente visão dos Heraclidas vestidos com trajes funerários e de Anfitrião, conduzidos por Mégara.

No segundo episódio, diante do palácio, Mégara, os filhos e Anfitrião esperam o transpasse. Mégara pergunta por seu algoz, designando-o como *hiereús* e *sphageús* (“sacerdote” e “degolador”, i. é, “quem sagra” e “quem sangra”, *Hér.* 451), segundo o uso, comum à tragédia, de descrever homicídio em termos de sacrifício. Em seguida, invoca sua “infausta Parte” (*Moíra dystálain’*, *Hér.* 455), interpelando o Nume, que lhe preside o destino e que lhe parece revelar-se na morte iminente e hedionda em mãos do usurpador do trono de seu pai. Em contraste com o lúgubre presente, evoca a boa esperança perdida com os planos paternos para cada um dos três filhos: o primeiro herdaria do pai Argos e a emblemática pele de leão, sendo o leão emblema de Argos; o segundo herdaria Tebas e a clava, símbolo de Tebas; e o terceiro, Ecália, conquistada com arco e flechas. A mãe, por sua vez, escolheu para cada um, noiva de Atenas e de Esparta e

de Tebas, mas agora se revela que terão por noivas as Cisões (*Kéras, Hér. 481*), filhas da Noite imortal, e o avô paterno, como substituto do pai supostamente falecido, será consogro de Hades, segundo o tropo, usual da tragédia, de aludir a jovens mortos antes das núpcias como noiva de Hades, ou noivo de Perséfone (ou, como aqui, Cisão). Por fim, como se despedindo, Mégara afaga os filhos com abraços e beijos, e invoca o marido Héracles, suposto morto, para que lhes surja e valha, ainda que como espectro.

Apesar de já ter repreendido Zeus de falsidade, de traição, de inépcia e de injustiça (cf. *Hér. 399-447*), Anfitrião o conclama de novo à salvação dos seus, mas aparentemente sem grande esperança, pois antes recomendara à nora que desse boas vindas aos íferos, e logo após se despede de seus amigos presentes no coro, com recomendações de que desfrutassem a doçura da vida, não obstante a imprevisibilidade da sorte e a instabilidade da riqueza e da glória.

A entrada súbita de Héracles desfaz as imprecações de Anfitrião a Zeus; a dúvida incrédula de Mégara e a redução de Anfitrião ao silêncio ressaltam o impacto da surpresa. Héracles por sua vez se surpreende com o que vê: os filhos com adornos de mortos, a esposa junto a varões (o coro descrito como “turba de varões”, *Hér. 257*) e o pai, ambos em prantos. A esticomítia (*Hér. 538-561*) entre Héracles e Mégara o põe a par dos infortúnios domésticos. Héracles reconforta os seus e anuncia sangrenta e devastadora vingança contra o regicida usurpador e contra os tebanos traidores aliados do novo tirano.

No entanto, uma ambiguidade numinosa transparece nas palavras com que Héracles justifica o seu dever de vingança, pois ao se perguntar por que se diria belo o seu combate contra hidra e leão sob ordens de Euristeu, acrescenta a condição: *tôn d'emôn téknon / ouk ekponéso thánaton?*, que – atendo-me à intenção do herói – traduzi “se meus filhos / eu não livrar da morte?”, mas que – atendo-nos à voz do Nume – também significa: “se de meus filhos / não

executar a morte?” (*Hér.* 580-581). Essa ambiguidade numinosa repercute nas palavras consecutivas do herói: “Ora, Héracles / de bela vitória não serei como antes” (*Hér.* 581-582), que preveem a ironia atroz que o epíteto *kallínikos* (“de bela vitória”) referente a ele terá depois (*Hér.* 1046). A interlocução com o Nume aqui assim se anuncia com toda clareza, mas permanece velada e imperceptível antes de se mostrar nos fatos.

Não obstante a palavra “vingança” soar depreciativa a nossos ouvidos modernos e uma vingança tão extensa e meticulosa nos parecer uma enormidade, o coro aprova e considera “justa” (*díkaia*, *Hér.* 583) a anunciada vingança de Héracles, o que a meu ver significa que neste caso o coro considera a vingança proporcional à ofensa. Na Grécia clássica, a justiça judiciária é vista como uma extensão legítima da vingança pessoal e consideram-se ambas complementares, mas considera-se injusta e, portanto, ímpia a vingança cujo alcance excede a gravidade da ofensa. Por exemplo, na *Oresteia* de Ésquilo, a vingança de Agamêmnon contra Páris se revela injusta e ímpia, dada a desproporção entre o crime (rapto da esposa do hospedeiro) e a punição (destruição do império de Príamo), enquanto a vingança de Orestes, que pune a morte de seu pai com a morte dos homicidas, é apresentada como piedosa obediência ao oráculo de Apolo.

Também Anfítrio aprova o anúncio vindicativo de Héracles, mas recomenda cuidado com os muitos aliados do usurpador. Ecoando a palavra “sedição” (*stásei*, *Hér.* 34, 273, 543, 590), descreve os aliados do tirano: pobres, amotinados, que roubam os vizinhos e lhes dilapidam os bens no ócio e em aparente prosperidade (cf. Eurípides *Sup.* 232-243 e Platão, *Rep.* 555 d). Héracles tranquiliza o ancião, minimizando as consequências de os inimigos o terem visto ao entrar na urbe, mas assegurando-lhe que não o viram, porque alertado por um presságio acautelou-se e às ocultas retornou à terra.

Anfitrião aconselha Héracles a entrar e saudar a Deusa Héstita, e esperar o tirano Lico dentro de casa, onde em segurança o surpreenderia quando lhe viesse matar o pai, a esposa e os filhos. Héracles aceita o conselho, e confirma que desceu aos inferos, donde trouxe à força o cão tricéfalo Cérbero, por ora oculto no bosque de Deméter Ctônia em Hermíone, na Argólida, sem que o rei Euristeu ainda soubesse de seu retorno, e – como se justificasse a prolongada demora – explica que se atrasou sob a terra para resgatar o rei ateniense Teseu, já feliz, são e salvo em sua pátria Atenas; por fim, conduz consigo os seus para dentro de casa.

O demorado esforço de Héracles nos inferos para resgatar e salvar Teseu se revela verdadeira interação tácita com o Nume quando – na última cena do êxodo – Teseu recíproco resgata Héracles do desespero e salva do suicídio conduzindo-o a Atenas para ser purificado da poluência.

No segundo estásimo, na primeira estrofe, o coro louva a juventude por sua beleza, e despreza a velhice por ser lúgubre e letal, com votos de que desaparecesse do convívio dos mortais. Na primeira antístrofe, supõe que se os Deuses pensassem como os varões, com o poder divino e o pensamento humano, dariam aos mortais valorosos serem jovens duas vezes consecutivas, de modo a distinguirem-se os bons e os vis, pois os Deuses não impuseram claro limite entre uns e outros, e o curso da vida não os revela, mas indistintamente lhes aumenta a riqueza. Este anseio por sinal distintivo de bons e vis retoma a mesma imagem de *Medeia* (516-519) e de *Hipólito* (925-931), e a fantasia de duas juventudes consecutivas de certo modo alude às núpcias olímpias de Héracles e Juventude (Hebe, cf. Hesíodo, *T.* 950-955 e Eurípides, *Herds.* 910-918). Na segunda estrofe, o coro celebra o próprio canto por ser epifania das Graças, das Musas, de Memória e de Dioniso, dito “Brômio vinícola” (*Brómion oinodátan, Hér.* 682) e por louvar, com estas presenças divinas, a bela vitória de Héracles. Na segunda antístrofe,

compara o peã délio a Apolo e Ártemis com o próprio canto em louvor de Héracles, cujo valor excede a nobreza e cujas proezas livraram os mortais de feras terríveis.

No terceiro episódio, o tirano Lico e o velho Anfitrião se encontram diante do palácio, num diálogo marcado pelo expediente da astúcia e pela conseqüente ironia: Lico desconhece o retorno e a espreita de Héracles dentro do palácio, Anfitrião age como Lico esperava que o inimigo inerme agisse, a ironia se instala nesse descompasso entre o dissimulado saber de Anfitrião e a falsa expectativa de Lico. O tirano pergunta pela esposa e filhos de Héracles, o ancião supõe que ela suplique ante o altar de Héstia no interior do lar e invoque em vão o marido morto. O tirano ordena que o ancião a busque, mas este alega escrúpulo de participar da carnificina. O tirano se diz sem medo e entra incauto, crendo que busca suas vítimas, quando a vítima será ele próprio. A fala de Anfitrião a Lico e depois ao coro sobre a situação de Lico lembra a fala de Dioniso a Penteu e depois ao coro sobre a similar situação de Penteu (cf. *Hér.* 726-734, *Ba.* 964, 967, 971-976). Em ambas, a ironia se consuma com a celebração da justiça.

No terceiro estásimo, na primeira estrofe, o coro saúda a mudança dos males, o retorno de Héracles desde Hades e a iminente morte de Lico como manifestação da justiça divina e motivo de júbilo. Ouvem-se gemidos de Lico dentro do palácio. Na primeira antístrofe, o coro interpreta os gemidos como prelúdio da morte, e o lamentoso apelo de Lico a Tebas declarando-se morto por dolo integra-se ao canto e oferece ao coro a prova de que os Deuses punem os injustos e os imprudentes que os ofendem. Na segunda estrofe, o coro conclama à dança ritual e festiva da inopinada restauração do antigo rei no poder; considera-se Héracles como o rei anterior (*ho dè palaíteros / krateí*, *Hér.* 769-770) por ser o genro dele. Na segunda antístrofe, reitera-se que os Deuses punem os injustos e atendem os lícitos, e reafirma-se a doutrina trágica da condenação da riqueza como corruptora e instigadora de injustiça. Na terceira estrofe,

conclamam-se os rios tebanos Ismeno, Dirce e Asopo, as ruas de Tebas, os montes Parnaso e Hélicon à celebração jubilosa de Tebas. Na terceira antístrofe, celebra-se a dupla filiação de Héracles, entendendo-se seu retorno desde Hades e sua vitória sobre Lico tanto como prova da dupla filiação quanto como uma demonstração da justiça dos Deuses.

No quarto episódio, a reconfortante doutrina de que os Deuses são justos, preocupam-se com os justos e punem os injustos, aparentemente confirmada pelo retorno e retaliação de Héracles, sofre inesperado abalo que a problematiza e transpõe para novo patamar. No alto da casa, na plataforma dita *theologeion* porque nela falam personagens divinas, surgem Íris e Fúria, para terror dos anciãos do coro. Íris explica a finalidade da visita: destruir a família de Héracles, pois enquanto realizava seus trabalhos civilizatórios, a necessidade e o Zeus Pai impediam Hera de golpeá-lo, mas concluídos os trabalhos, Hera lhe envia Fúria para saiba qual é a cólera dela contra ele.

Por que a cólera de Hera contra Héracles? Íris alega: “Não os Deuses, mas mortais / serão grandes, se ele não servir justiça.” (*Hér.* 841-842). A isso, Fúria mesma se contrapõe, tentando aconselhar Hera e atestando que Héracles é benfeitor de homens e de Deuses: “civilizou ínvia região e mar selvagem, / restaurou sozinho as honras de Deuses” (*Hér.* 851-852). Se Héracles é não só inocente, mas benfeitor de homens e de Deuses, por que deve ser punido? (*dóntos díken*, “servir justiça”, *Hér.* 842).

A meu ver, esse trecho sugere que seu delito contra Hera reside em que “civilizou ínvia região e mar selvagem”, não obstante a contrapartida de que “restaurou sozinho as honras de Deuses”. Se por Hera devemos entender o fundamento divino do âmbito doméstico e familiar, haveria transposição e, por isso, transgressão desse âmbito na atividade civilizatória do herói –

dito filho de Zeus, mas não de Hera – e esta filiação mítica significaria participação no âmbito de Zeus, mas privação do âmbito de Hera?

A invocação de Sol por Fúria, filha da Noite, para que ele testemunhe que sob coerção ela age contra Héracles, ressalta o caráter problemático da justiça divina, incompreensível até para os Deuses subalternos que a viabilizam. O paradoxo de a filha da Noite invocar o Sol por testemunho realça a incongruência de a justiça divina ultrapassar o entendimento dos Deuses subalternos que a servem e movem. Por outro lado, a conexão e colaboração entre justiça e necessidade – “antes que concluísse acerbos trabalhos / o fado (*tò khré*) o preservava” (*Hér.* 827-828) – mostra que a justiça é inerente à partilha das honras por Zeus e à atribuição delas por ele aos Deuses e aos mortais.

Diante da casa, o coro imagina o que acontece no interior da casa, primeiro por inferência da aparição de Fúria, descrita como Górgona de olhos rutilantes e com muitos silvos de cem serpentes, e depois continua imaginando por inferência das exclamações assombradas de Anfitrião dentro da casa. Em contraste e negação dos termos do transe dionisiaco, a possessão de Fúria se descreve como a inversão sanguinária do beatífico arrebatamento báquico (*Hér.* 879, 889-890, 892-893, 986). Por fim, o coro constata que Fúria cumpre sua promessa de romper vigas do teto e arruinar a casa (*Hér.* 865, 904-905), e ouve-se a equivocada interpelação de Anfitrião a Palas Atena (*Hér.* 906-908). O desabamento do teto é a imagem metonímica da destruição da família. O equívoco de Anfitrião reside em atribuir a Palas Atena a causa da destruição, quando na verdade ela impedia que a destruição prosseguisse, mas ainda que equivocada a fala de Anfitrião dava a justa medida da amplitude e gravidade da ruína.

O mensageiro é um servo que no interior da casa presenciou a sequência dos acontecimentos. Seu relato minucioso principia no momento inicial da lustração com que

Héracles, em companhia do pai, esposa e os três filhos, se purificaria da morte do tirano Lico, descreve os primeiros sintomas do delírio – silêncio e absorção, olhos revirados, olhos injetados de sangue, baba espumosa, e riso demente –, reproduz as palavras delirantes dirigidas ao pai, descreve o comportamento sintomático do delírio, o constrangimento perplexo dos servos, a perseguição e matança dos familiares, e a intervenção de Palas Atena, que o impede de matar o pai, ao golpeá-lo com uma pedra e induzi-lo ao sono.

No quarto estásimo, não organizado em estrofe e antístrofe, o coro compara o furor sanguinário de Héracles com a matança dos noivos pelas Danaides na mesma noite de suas núpcias coagidas, e com a matança do filho Ítis perpetrada pela mãe Procne em retaliação ao estupro de sua irmã Filomela por seu marido Tereu, para concluir, em cada um desses casos, que os males de Héracles são muito piores que os seus precedentes míticos. O coro se pergunta como prantear os mortos com canto e dança fúnebres, quando anuncia que as portas se abrem e se vê a cena no interior do palácio: os filhos mortos e, mergulhado no sono, o pai amarrado com muitos laços às colunas do palácio.

O êxodo se compõe de quatro cenas. A primeira cena lembra a do párodo de *Orestes*: enquanto Héracles (como Orestes) dorme, Anfitrião temeroso pede (como Electra) ao coro que se afaste em silêncio para não perturbar o sono sobrevivendo ao delírio de Héracles (como ao de Orestes). Na segunda cena, Héracles desperta, sem se lembrar do que fez, nem reconhecer onde se encontra, e dialoga com Anfitrião, que o induz ao reconhecimento dos mortos ao seu redor e lhe revela que, quando possesso do furor enviado por Hera, executou a matança dos filhos e da esposa. Cômico de seu infortúnio, Héracles pensa em matar-se, quando avista a aproximação de seu primo Teseu, e pergunta-se como impedir que a poluência de seu flicídio (e uxoricídio) contamine o primo que o visita.

Na terceira cena, enquanto Héracles permanece calado e com a cabeça coberta, Teseu explica a Anfitrião que, alertado por rumor de que Lico usurpara o trono de Tebas e movia guerra aos Heraclidas, veio de Atenas com forças militares em auxílio a Héracles que o resgatara dos inferos. Ao ver o chão cheio de mortos, supõe ter chegado demasiado tarde. Anfitrião o põe a par da situação, e Teseu lhe pede que retire o manto de sobre o rosto de Héracles. A quarta cena, em que Teseu resgata Héracles do desespero e o salva do suicídio persuadindo-o a suportar a enormidade de seu infortúnio, é reconhecida como o elogio da amizade, e certamente o é, mas é sobretudo o cumprimento da interlocução com o Nume. As reprovações de Héracles a Zeus e a Hera antes dizem respeito ao herói que aos Deuses, retratando-o com os sentimentos comuns dos homens comuns, que, imersos em seus sofrimentos, veem o curso dos acontecimentos circunscrito ao horizonte de sua restrita visão. Nessa prisão do sofrimento, a amizade se apresenta pela participação em Zeus (*Zeùs Phílios*).

Bibliografia consultada:

- BARLOW, Shirley A. Structure and Dramatic Realism in Euripides' *Heracles*. In: McAUSLAN, Ian & WALCOT, Peter. *Greek Tragedy*. Oxford University Press, 1993, pp. 153-165.
- EURIPIDES. *Heracles* with Introduction and Commentary by Godfrey W. Bond. Oxford Clarendon Press, 1988.
- EURIPIDES. *Heracles* with Introduction Translation and Commentary by Shirley A. Barlow. Warminster, Aris & Phillips, 1998.
- EURIPIDIS. *Fabulae* Edidit J. Diggle. Tomus II insunt *Supplices, Electra, Hercules, Troades, Iphigenia in Tauris, Ion*. Oxford Classical Text, 1981.

